


SÁBADO - Nº 563
13 DE JANEIRO DE 2009

DNa

ESPECIAL: UM FOTÓGRAFO NA BÓSNIA ■ MODA: PRETO E BRANCO ■ LIVROS: RUBEN A. REVISTADO



John Malkovich: «Quando cheguei aqui achei que era um país incrivelmente belo, incrivelmente triste. As pessoas não são exactamente tristes, mesmo que haja uma tristeza nelas»

Agora eu era um cão



CONTO DE TERESA MAIA E CARMO
ILUSTRAÇÃO DE RUI FAZENDA

Agora eu era um cão. Preto, mesmo pretinho, brilhante e atrevido. Andava todos os dias a escarafunchar no jardim, enquanto tu dormias. Dormias e comias, comias e dormias. Eu andava a saltar, corria, ladrava. Ladrava muito quando ouvia barulhos esquisitos que não eram da nossa casa e podiam ser daquele mau. Mas ladrava ainda mais de manhã, quando chegava a criada, sempre aos gritos com tudo. Falava alto com os gatos, com os detergentes e, imagina, até com a mobília e a loiça que nunca estava no sítio onde ela queria. A criada até era quenda...

- Não se diz criada. É empregada. E ela não é má. Está bem, era a empregada. Empregada de quê?
- De gelados. A empregada vendia gelados quando estava contente.

Sim, nesse dia ela estava mesmo muito contente. Tinha vendido imensos gelados de amoras, porque agora estava um calor quente que fazia as amoras vermelhas ficarem pretas e boas de sujar as mãos. Ela comia me-

tade e colhia a outra, e com essa fazia gelados que vendia todos os dias na praia. Na praia havia montes de gente cheia de sede que só gostava de «epás» - por causa da pastilha, claro - mas quando a empregada de gelados chegou, todos mudaram de ideias. Os gelados dela eram cor de rosa e fofinhos, e muito mais doces que os outros. Só que tinham um problema. Quando vinha o vento, desfaziam-se.

- E tu, eras o quê?

Eu era um pássaro. Grande e bonito, a arrastar umas grandes penas, por acaso muito mais vistosas que as dos papagaios que costumam ver na praia. Eu vinha no vento, mas não comia os gelados cor de rosa, porque gostava mais de te ir ver a tomar banho e fugir dos chapadões que tinhas a mania de me atirar.

- E eu, era o quê?

Às vezes eras um ratinho, muito pequenino, coitado. É que eu era uma águia, que é um pássaro que voa ainda mais depressa que os outros, que as gaivotas e as andorinhas pretas, e via muito bem ao longe. Eu via tudo mesmo antes do sol nascer, porque voava muito mais alto. Então, ia-te buscar porque tu estavas completa-

mente perdida entre os pimentos e os ramos baralhados dos tomates, sabes, comias pela relva sem saber se havias de fugir para a rua ou para casa, se havias de ter medo do vento ou da chuva. Eu agarrava-te nas minhas patas e levava-te a ver isso tudo. E usava os meus olhos como quem usa um farol, para tu veres tudo como deve ser.

- Mas tu não vês lá muito bem, por causa dos óculos e das lentes e isso. Estás sempre a dizer que não vês muito bem.

Sim, mas isso tinha tudo levado uma grande volta. Quando o mundo era longe, eu tinha um feitiço que me fazia ser exactamente ao contrário de quando estava cá em baixo, a trambolhar em tudo, aos trancos-barrancos nas covas dos passeios. Sempre que se amava uma trovoadas - era o sinal - eu embalava nos golpes de ar e cozia-me com a primeira nuvem que aparecesse e me limpava logo os olhos. Eu passava a ver tudo azul e claro, sem nenhuma confusão. Mas um dia levei-te a ver uma montanha muito grande que explodia quando estava mal disposta. Era uma montanha com montanhinhas pequenas cheias de luzes, amarelas e verdes e vermelhas. Es-

sas luzes tinham um significado qualquer para as formiguitas que lá andavam, mas nós não percebíamos. Um dia as luzes mudavam e as formiguitas faziam imenso barulho, apitavam e esbracejavam, zangavam-se umas com as outras e, ao fim, já nenhuma percebia porque é que aquilo tinha começado.

- As formiguitas não apitam. Os carros é que apitam. Estás a contar tudo mal.

Está bem. Mas sabes como é, «depois da cidra partida, cidra remédio não tem». Não tarda nada estamos a voltar ao lobo mau e à casa de chocolate. Quando andávamos a voar encontrámos uma menina que andava perdida na floresta. E ela perguntou-te: «Ratinho, tão forte és tu que andas nas patas dessa águia sem te perderes, e não me ajudas a encontrar o meu caminho para casa?». E tu respondeste «mais forte é o vento que me sopra». Nisto, o vento ouviu-vos e toca de levar a garota para casa. Mas primeiro tiveram, vocês as duas, de enfrentar uma quantidade enorme de monstros.

- Eram como?

O primeiro era uma árvore. Estava muito quietinha quando as pessoas passavam, mas logo a seguir, zás,

Duas ou três pistas para seguir

depois dos «patinhos» e antes de

sair de manhã. Ou a deriva per-

manente que indicam todas as

histórias por acabar, se acredi-

tarmos que têm de certezinha

um final feliz

agarrava-as pelas pernas e torcia-as. Tu roeste-lhe uns ramos e conseguiram salvar-se. Mais à frente andava um gato de fogo, amarelo, que se incendiava quando se lhe faziam festinhas. Fshhhhh! Nessa altura, a menina gritou muito alto pelo vento, que imediatamente soprou o fogo e evaporou o gato. Só aí te apercebeste que estavas cheia de fome, com a barriga vazia há pelo menos 100 nuvens.

- E o que me fizeste para comer? Era bom, era ovos com esparguete?

Era, claro. E depois, bifés à café, mais tarde salada de endívias com peru recheado, e ainda mais tarde, caviar e champanhe. Aqui tu já estavas velhota e começavas a perceber que mal empregados tinham sido aqueles feijões verdes salteados em alho que te fazia antigamente. Aprendeste a fazê-los, gostaste, e depois já cozinhavas muito melhor que eu.

- Hummm... Estou quase a gostar de feijões verdes. E tu ajudas-me, assim, a cortar os alhos e limpar os espíritos do azeite?

Sempre, meu amor. Agora anda, vai buscar o açúcar, que estás quase a chegar. ■